

ENSINO DE LITERATURA: UMA VIVÊNCIA COM PROFESSORES EM FORMAÇÃO INICIAL

Rayonnara Késsia de Souza
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Francimara Marcolino da Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Alessandra Cardozo de Freitas
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO: O trabalho reflete sobre a escolarização da literatura no ensino fundamental. Decorre de uma oficina realizada com graduandos de pedagogia, a partir da leitura da narrativa “Maria vai com as outras”, de autoria de Sylvia Orthof. Analisam-se os saberes literários abordados pelos graduandos, com respaldo nos estudos sobre leitura e literatura (AMARILHA, 2013; SOARES, 1999; OLIVEIRA, 2010 e GRAVES e GRAVES, 1995). Entende-se que a escolarização da literatura é uma necessidade, pois não há escola sem escolarização de conhecimentos. Não obstante, para que esse processo ocorra faz-se necessário a compreensão e a prática de saberes literários, como o reconhecimento das especificidades do gênero literário pelos mediadores.

Palavras Chaves: ensino; literatura; formação de professores.

Introdução

O trabalho teve origem na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, durante a disciplina de Língua Portuguesa II, no Curso de Pedagogia, no semestre letivo 2014.1. No decorrer das aulas da disciplina supracitada, discutimos sobre a importância do ensino de língua portuguesa e seus efeitos no processo de aprendizagem do aprendiz, considerando os eixos articuladores desse ensino: oralidade, leitura, escrita e gramática. Em relação ao eixo leitura, surgiram algumas interrogações: Por qual motivo a leitura do texto de literatura é abordada de modo tão assistemático e regular nas práticas pedagógicas? Por que o predomínio da leitura de textos paradidáticos direcionada apenas ao ensino de regras gramaticais?

Segundo Antunes (2003, p.12) “O professor que vê a língua segundo a concepção estruturalista pouco ajuda seus alunos na tarefa de desenvolver seus recursos linguísticos para interagir nas mais variadas situações sócio comunicativas”, a exemplo das práticas de uso da

linguagem por meio da leitura de literatura. A luz desse discurso, começamos uma análise voltada para o ensino de literatura. Percebemos, no decorrer dessa reflexão, que a ausência de conhecimentos mais aprofundados sobre leitura e literatura pelo docente é um dos aspectos que mais dificultam a articulação dessas duas práticas de uso efetivo da linguagem no cenário escolar, a leitura e a literatura. Sendo assim, iniciamos nossas pesquisas nos apropriando dos discursos de autores como: AMARILHA (2009); ZILBERMAM (2003); GRAVES E GRAVES (1995); entre outros.

O objetivo desse estudo foi refletir sobre princípios teóricos e práticos orientadores da ação docente no ensino da literatura e analisar os saberes literários revelados por graduandos/concluintes do Curso de Pedagogia-UFRN. Esse estudo culminou no planejamento e na implementação de uma sequência didática de leitura de literatura, conforme a experiência de leitura por andaime. Segundo Graves e Graves (1995) a experiência de leitura com andaimes permite à criança resolver um problema, levando adiante atingir uma meta que poderá estar além de seus esforços.

Ao trabalhar o ensino de literatura tivemos a preocupação de apresentá-lo de forma lúdica. Assim, recorremos ao humor e inusitado presentes na obra de Sylvia Orthof, intitulada “Maria vai com as outras”. Nossa expectativa foi a de estimular a reflexão dos pedagogos em formação no tocante ao ensino significativo da obra literária.

Sistematizamos esse trabalho a partir dessa experiência vivenciada com os pedagogos em formação. Sua estrutura está organizada nos seguintes tópicos:

Introdução: uma breve contextualização sobre as origens do trabalho;

Escolarização da literatura: traz respostas a algumas questões como: O que é o processo de escolarização da literatura? Quais saberes envolvem? Como deve ser desenvolvida? Qual função da literatura infantil no processo de escolarização?

Experiência realizada: falando sobre quais procedimentos foram utilizados na elaboração do trabalho; o porquê da escolha do texto de Sylvia Orthof (explicitando características do estilo literário da autora).

Análise das respostas dos graduandos: o que eles demonstraram entender sobre sequência narrativa; como elaboraram a continuidade da história considerado o foco narrativo; quais saberes literários manifestaram; quais os avanços e os problemas na mediação do grupo.

Considerações finais: quais os aprendizados e resultados da experiência.

A escolarização da literatura nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Em relação ao ensino de literatura, são comuns perguntas do tipo: A literatura deve ser ensinada, escolarizada? Como esse processo deve acontecer? Quais saberes são necessários para que o ensino de literatura possa contribuir para a formação de leitores? Qual a função da literatura no ensino de língua portuguesa?

Segundo Soares (1999) a escolarização da literatura é inevitável, pois ela encontra-se dentro da escola, influenciando-a e sendo por ela influenciada. Dessa forma, acreditamos que estudar sobre o processo de escolarização da literatura é uma necessidade.

A literatura deve ser abordada na escola para provocar o prazer dos educandos pela leitura, pois o prazer na relação do leitor com texto se torna fundamental para que a escolarização dessa arte seja significativa. A literatura, em seu caráter formativo e lúdico, não tinha lugar na escola tradicional, que voltava-se para o ensino prescritivo da língua considerado enquanto código ou mero instrumento de comunicação. Porém, a leitura de literatura educa em sentidos vários, principalmente no sentido humanizador, através da sensibilidade desperta em palavras.

De acordo com Amarilha (2012, p.49), “a literatura é educativa em aspectos fundamentais”: contribui para o acesso a língua (oral e escrita); provoca a inteligência do leitor; sistematiza as experiências humanas pelas narrativas; proporciona a autonomia; oportuniza o contato com o simbólico.

Brincar é coisa muito séria, e além de tudo a atividade lúdica que a literatura oferece desenvolve na criança uma atividade positiva, com a sala de aula, com a escola, pois o lúdico é estimulante, apaixonante, envolvente, mobilizador (AMARILHA, p.56).

Consideramos que a escola e, principalmente, a sala de aula é espaço que pode proporcionar o desenvolvimento da leitura literária e formar leitores, privilegiando o gosto pela leitura significativa. A escola é um local de formação e a literatura por si só forma. Zilberman (2003) afirma que mesmo que as informações oriundas a essas duas vertentes sejam diferentes, as necessidades sociais legitimaram suas atuações sobre os leitores de forma conjunta.

A partir dessas indagações a respeito da escola e da literatura, ressaltamos que é fundamental para o professor da escola básica conhecer os saberes inerentes a escolarização da literatura. Esses saberes são fundamentais tendo em vista a importância de o docente saber como desenvolver esse trabalho com a obra literária em sala de aula, de forma a proporcionar

aprendizagens significativas para os educandos, como o desenvolvimento da criatividade e imaginação.

Zilberman defende que:

Ao professor cabe o desencadear das múltiplas versões que cada criação literária sugere, enfatizando as variadas interpretações pessoais, porque decorrem da compreensão que o leitor alcançou do objeto artístico, em razão de sua percepção singular do universo representado. (ZILBERMAN, 2003, p.28).

Assim sendo, não há mais como esbarra o processo de escolarização da literatura. Defender essa posição é destacar a importância da formação do leitor como objetivo das práticas de uso da linguagem.

A experiência realizada

O estudo foi desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no Curso de Pedagogia, com educandos do 8º período do curso. A experiência partiu da provocação da docente da turma, tendo como mote um trabalho em que um grupo de alunos desenvolveu um seminário e uma oficina com o tema “Ensino de Literatura”. A proposta era desenvolver um novo olhar para a literatura e conhecer algumas formas de como usar a obra literária em sala de aula, sem desmerecer sua dimensão lúdica.

Nós então, percebemos que os futuros pedagogos ainda tinham muitas deficiências em relação ao uso da literatura na escola, voltando a prática de forma estruturalista.

Começamos a trabalhar a partir da leitura do texto “Maria vai com as outras” de Sylvia Orttof (1994). Esse texto pode ser considerado uma fábula contemporânea. Além de Proporcionar aos seus leitores uma reflexão sobre a autonomia.

O procedimento metodológico adotado para a leitura do texto foi a metodologia por “andaimos”, desenvolvido por Graves e Graves (1995). Essa metodologia defende que a mediação deve partir das inferências desenvolvidas pelos aprendizes, para então chegar a um novo conhecimento. Os autores ressaltam que o trabalho com os textos literários deve ser desenvolvido pelos professores mediadores nos seguintes momentos: procedimentos fundamentais.

- Planejamento

O docente antes de trabalhar o texto literário deve planejar suas ações, considerando quem são os educandos, se o texto está adequado, se a seleção foi realizada de forma coerente, pensando principalmente nas potencialidades possíveis do texto;

- Implementação

A implementação da leitura deve ser feita com três componentes. O primeiro de pré-leitura, essa atividade deve ser realizada com o objetivo de motivar os sujeitos, criar expectativas sobre o texto, ativar os conhecimentos prévios, fazer uma abordagem prévia sobre o vocabulário existente, sugestão sobre as estratégias de compreensão, entre outros.

O segundo componente é a leitura, essa leitura que pode ser realizada de várias formas: silenciosa, guiada, oral pelo docente, oral pelos estudantes, modificando o texto.

O último componente, o de pós-leitura, dá oportunidade aos sujeitos da aprendizagem organizarem o que compreenderam do texto, é um momento de reflexão, questionamento e discussão. Esse momento é fundamental para que o docente da turma desenvolva atividades criativas que provoquem o aprendiz a pensar sobre o texto e fazer uma relação com sua realidade.

Compreendendo a importância desses momentos de andaime, trabalhamos o texto “Maria vai com as outras” da seguinte forma:

- Pré-leitura

Propomos questionamentos aos sujeitos, como:

- Que inferências nos permitem elaborar as imagens contidas na caixa (caixa aberta, nela estava contida apenas as imagens do livro)?
- A partir do título do livro e das imagens, quais previsões vocês podem mencionar sobre a história a ser lida?
- Quem é Maria? O que ela deve fazer na história?

- Combinados para leitura

Foi combinado com a turma que sempre que aparecesse na história a frase “E Maria ia sempre com as outras”, todos juntos iriam cantar “Aonde a ovelha vai, Maria vai atrás”, enquanto um componente do grupo tocava um violão para acompanhar a música. Combinamos esse procedimento com a turma com o intuito de provocar a

participação de todos na leitura de forma lúdica, considerando que a literatura também pode provocar a socialização;

- Leitura com apresentação (Caixa)

A leitura foi realizada oralmente por uma mediadora. Enquanto a mediadora lia a história, outras 2 pessoas movimentavam bolas de algodão simbolizando as ovelhas;

- Pós leitura

Nesse momento, os estudantes do curso de pedagogia foram levados a discutirem sobre o texto a partir de questionamentos, com perguntas abertas, do tipo: O que vocês perceberam com a história? As hipóteses realizadas no momento de pré-leitura foram refutadas ou não?

Também realizamos uma atividade com o intuito desenvolver a criatividade nos educandos. Propomos aos estudantes pensarem como seriam “Maria” e as outras ovelhas, se elas estivessem em nossa realidade, na cidade de Natal - RN, por onde essas ovelhas passariam? Qual seria a nova sequência narrativa da história?

Segundo Abramovich (2006) alguns textos literários, através da comicidade, estimulam nos sujeitos a criatividade e a aprendizagem. Assim, considerando a importância do humor na contação e leitura de histórias para o desenvolvimento cognitivo dos educandos. Acreditamos que o livro de Sylvia Orthof proporciona ao leitor essa criatividade de forma efetiva através da brincadeira e do humor.

Análise das respostas dos graduandos

Pensar em sequência narrativa é imaginar situações que vão se transformando ao longo dos acontecimentos. Para tanto Mesquita (2002, p.21) nos mostra que:

De um modo geral, pode-se dizer que a narrativa é o ato verbal de apresentar uma situação inicial que, passando por várias transformações, chega a uma situação final. Essas transformações são ocasionadas por acontecimentos, fatos, vivências, episódios, ou, como frequentemente ocorre na narrativa contemporânea, por diferentes estados psicológicos de uma personagem.

Tomando como pressuposto este pensamento, entendemos que alguns graduandos do curso de pedagogia mostraram dificuldade em dar continuidade a sequência narrativa “Maria vai com as outras”. Ou seja, após a leitura foi solicitado que os graduandos imaginassem que a história estivesse se passando em sua cidade (Natal/RN) e que eles teriam que fazer um acrescentar ações, de modo a ampliar o enredo da história. O que seria observado nesse caso era a capacidade de dar continuidade à sequência, levando em consideração às relações temporais e causais tempo/espaço. Constatamos que a maioria dos discentes mostrou fragilidades. Algo que nos chamou a atenção foi o momento em que um discente saiu da narrativa, divergindo totalmente do tempo/espaço que estava se passando a história dando a ela outro rumo e significado.

Percebemos também que, em alguns momentos, os alunos não percebiam a distinção entre o narrador e personagens, começando a frase narrando e terminando com a fala direta de um personagem. Vejamos o exemplo a seguir: “Maria vai até o morro do careca e nossa, como aqui está quente”.

Segundo Mesquita (2002, p.8) “Todas as atividades que o inventar/narrar, ouvir/ler histórias envolvem podem ser associadas também a natureza lúdica do homem”. Acreditamos que estes discentes sentiram dificuldade pelo o fato de não terem estímulos por parte de seus professores na infância e na adolescência. Isso fica claro em seus discursos. Quando perguntamos qual a relação que eles tinham com a literatura, as respostas eram sempre as mesmas: viam a literatura como algo chato e sem significado, como instrumento avaliativo. Só liam mediante a uma imposição, como por exemplo, para prestar vestibular.

Por falta de leitura, os graduandos não tinham um repertório literário muito vasto, restringindo-se apenas a obras populares. Após esse momento da atividade, houve discussões sobre os saberes literários e notamos que nesse aspecto os alunos também não tinham discernimento.

Ao término do trabalho, com as falas de alguns colegas de curso, constatamos que o seminário de ensino de literatura trouxe uma nova perspectiva de ver e ensinar a literatura para os graduandos. Agora, já mediados por uma teoria que vê a literatura como “arte”, poderão compreender que, se utilizada de forma adequada a literatura torna-se um instrumento que possibilita e abre porta para um ensino mais significativo.

Considerações finais

Na sociedade em que vivemos, marcada pelos baixos índices de leitura de nossos aprendizes, conforme as avaliações oficiais, consideramos pertinente um trabalho voltado a escolarização da literatura como este, que procura entender como a escola deve trabalhar a literatura e como os sujeitos podem aprender através dessa arte. Ler obras literárias implica em fazer parte de diversos mundos. Para Amarilha (2009, p. 53) “Ler é, então, participar de um teatro íntimo, ser ator e espectador ao mesmo tempo e não ter outra plateia que não a si mesmo”.

A escolarização da literatura não inclui só ao acesso a obras literárias com uma visão estruturalista, mas uma educação voltada ao que o texto literário proporciona aos sujeitos, evidenciando as potencialidades provocadas no texto.

Os resultados obtidos na vivência com professores em formação inicial não pretendem oferecer uma avaliação desses sujeitos. Não foi esse o objetivo da vivência. Desse modo, as características analisadas neste estudo visam perceber o quanto ainda precisamos estudar e aprender para trabalhar com a literatura na escola.

Embora o texto literário seja formativo por si só, o trabalho pedagógico deve ser realizado de forma consciente. Faz-se necessário que os docentes modifiquem suas concepções, aspirações e opiniões a respeito do que foi lido.

É preciso, então, considerar que a literatura pode proporcionar aos seus leitores vários aspectos como: criatividade, imaginação, percepção de mundo, entre outros. Acrescentamos, assim, que o compromisso, envolvimento e responsabilidade dos professores em formação inicial deve ser fundamental para desenvolver momentos de leitura em sala de aula. A escolarização da literatura, portanto, é importante para o desenvolvimento de professores e educandos.

Referências bibliográficas

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosura e bobices**. 5.ed. São Paulo:

AMARILHA, Marly. **Alice que não foi ao país das maravilhas: a leitura crítica na sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

GRAVES, M. F.; GRAVES, B.B. **The scaffolding reading experience**: a flexible framework for helping students get the most out of text. In: **Reading**. April. 1995.

MESQUITA, Samira Nahid de. O enredo. São Paulo: Editora ática, 2002.

ORTHOF, Sylvia. **Maria vai com as outras**. São Paulo, Ática, 1994.

POUND, Ezra. **ABC da literatura**. Tradução Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1977.

Scipione, 2006.

SOARES, Magda. “**A escolarização da literatura infantil e juvenil**”. In: EVANGELISTA, Araci Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani. **Escolarização da leitura literária**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

ZILBERMAM, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.